

# PARA COMPREENDER O LIVRO DIDÁTICO COMO OBJETO DE PESQUISA

To understand the textbook as search object

Para comprender el libro de texto como objeto de investigación

Elício Gomes Lima\*

---

**RESUMO:** A produção do conhecimento acadêmico na relação sujeito-objeto implica compreender não só o papel do educador e do educando, mas também as dimensões interventivas que transversalizam o processo ensino-aprendizagem através de materiais didáticos e com outros conhecimentos provenientes dos meios onde os sujeitos elaboram e reelaboram seus saberes. Este artigo pode ser caracterizado como um diálogo preliminar com alguns autores, que oferecem subsídios quanto ao nosso objeto de estudo, a saber, olhares ou pistas para a compreensão de um quadro de análise sobre o livro didático. O presente trabalho foi desenvolvido numa perspectiva exploratória de caráter qualitativo, uma vez que, ao captar as múltiplas visões dos referenciais selecionados sobre o livro didático de história, recorre à problematizações pertinentes, indagações e encaminhamentos derivadas da dimensão procedimental própria dessa abordagem.

---

**Palavras-chave:** livro didático; produção do conhecimento; história.

**ABSTRACT:** The production of academic knowledge in the subject-object relationship entails understanding not only the role of the educator and students, but also the dimensions that crossing the teaching-learning process, by means of learning materials and other knowledge from the media where the subject shall draw up and their knowledge. This work can be characterized as a preliminary dialogue with some authors, which offer subsidies on our object of study, namely, looks or clues to the understanding of a review on the textbook. We focus this exploratory qualitative research to capture the multiple views of selected benchmarks of textbook's history, refers to the relevant troublesome areas, questions and referrals resulting from procedural dimension itself to this approach.

---

**Keywords:** textbook; production of knowledge; history.

**RESUMEN:** La producción académica de conocimiento en una relación sujeto-objeto implica entender no sólo el papel de educador y del alumno, sino también las dimensiones interventivas que cruzan el proceso de enseñanza-aprendizaje a través de materiales didáticos y otros conocimientos de los medios de comuni-

---

\* Mestre em Educação pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas/SP. Professor convidado do UNASP-EC – Centro Universitário Adventista de São Paulo e docente efetivo da PMESP – Prefeitura Municipal de São Paulo. Contato: [elicio.lima@bol.com.br](mailto:elicio.lima@bol.com.br).

cación donde se elaboro. Este artículo puede ser caracterizado como un diálogo preliminar con algunos autores, que ofrecen subsidios en nuestro objeto de estudio, es decir, busca pistas a la comprensión de un marco de análisis sobre el libro de texto de historia. Este trabajo fue desarrollado en una perspectiva exploratoria de carácter cualitativo, desde entonces, captar las múltiples visiones de referencias seleccionadas sobre el libro de texto de historia, remite a las problematizaciones pertinentes, misiones y derivaciones resultantes de dimensión procesal propia de este enfoque.

---

**Palabras Clave:** libros de texto; producción de conocimiento; historia.

## INTRODUÇÃO

Falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam nossos papéis -, como observadores de nossa época e, igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais (HOBSBAWM, 2003, p.13).

O livro didático constitui a principal fonte de informação impressa e utilizada por grande parte dos professores e dos alunos brasileiros, sobretudo daqueles que tem menor acesso aos bens econômicos e culturais. Nesse sentido, o livro didático tem papel fundamental no processo de escolarização e letramento em nosso país, ocupando na prática muitas vezes o papel de principal referência para a formação e inserção no mundo da escrita.

Apesar desse alto valor social, as pesquisas acadêmicas sobre livros didáticos, são recentes, somente nessas últimas décadas, graças às contribuições da historiografia (sobretudo da chamada História Nova ou História Cultural), que constitui uma de suas vertentes, têm surgido instigantes trabalhos relativos a esse objeto cultural.

No Brasil, faltam ainda, pesquisas capazes de trazer à tona fontes de leituras no interior das quais se podem compreender historicamente o livro didático. Principalmente, existem também poucos trabalhos capazes de evidenciar perfis mais nítidos historicamente, relativos ao sujeito leitor (LIMA, 2004; ABREU, 1999, GALZERANI, 1988, 1998).

Em nosso estudo o livro didático é focalizado como um documento histórico (JACQUES LE GOFF, 1996) produto das relações socioculturais (situadas no mundo da escola e também fora dela), e ao mesmo tempo instituinte dessas mesmas relações, portanto, a visão que legitima a leitura sobre seu entendimento, sua abrangência e impactos, não podem ser objetos secundarizados em sua análise. Assim, organizamos este artigo em três

momentos: a) O livro didático: uma leitura preliminar; b) o livro didático de história como objeto de pesquisa e c) para se pensar o livro didático na atualidade. Espera-se, que esse primeiro convite possa se constituir para um maior aprofundamento da temática, tendo em vista a riqueza de sua atualidade e necessidade de maiores e melhores descobertas.

## **O LIVRO DIDÁTICO: UMA LEITURA PRELIMINAR**

O livro didático não constitui um instrumento neutro; é produto de uma visão de mundo, de homem, de educação e de escola. Nesse sentido, o livro didático não é apenas produzido pelo mundo da cultura, mas também produz, institui este mesmo mundo tanto no que se refere à cultura escolar como à cultura em geral. Portanto, ao tomar o livro didático como instrumento da mediação pedagógica, entre a produção de conhecimentos escolares, a atuação dos professores, e as vivências dos educandos enquanto sujeitos sociais, é imprescindível que se busque compreendê-lo mais amplamente, como objeto historicamente situado.

Considerando que as sensibilidades, as visões de leitura são construídas nas relações socioculturais e se transforma ao longo do tempo (DARN-TON, 1992), o livro didático tem um caráter interpositivo, ou seja, todos os seus estágios foram/são afetados pelas condições sociais, econômicas, políticas e culturais, e, ao mesmo tempo, tal objeto afeta estas mesmas condições. É imprescindível não perder de vista as dimensões que se entrecruzam mais amplamente nesse empreendimento, para não conceber os livros didáticos numa perspectiva unidimensional, encarando-os como moldados por um único discurso.

A leitura é uma construção sociocultural que envolve relações diversas (CHARTIER, 1996). Portanto, restringir a literatura didática à comunicação por meio da palavra impressa, é considerar parcialmente a existência e diversidade de suportes textuais e o pior, correndo-se o risco de homogeneizar a possibilidade de utilização de materiais na produção dos textos escolares.

Uma produção que reforça essas observações desvende algumas configurações significativas, estabelece relações e comparações com outras obras, e, ainda, oferece algumas linhas de orientação para conceituação do livro didático é trabalho de Batista (1999), que dentre outros destaques, discorre sobre os textos impressos e livros didáticos como um objeto variável e instável.

Nesta obra, o autor considera que o livro didático e a escola estabelecem relações complexas com o mundo da cultura e os entrecruzamentos também auxiliam no mapeamento das correntes culturais, situadas num dado contexto. Depois de levantar algumas obras que conceituam e clã-

sificam os livros didáticos, problematiza muitas de suas categorias, definindo melhor o foco de tais objetos, e provocando um impacto considerável sobre a leitura de correntes de estudos tradicionais.

Vale destacar ainda que Batista (1999) desenvolve uma história do livro didático a partir de outros suportes documentais, tais como os manuscritos, trazendo à tona grande quantidade de informações sobre a história do livro didático. O seu estudo aponta para a área da história sociocultural e revela uma riqueza interpretativa capaz de relacionar passado e presente, elementos cognitivos e afetivos da leitura, contribuindo, ao mesmo tempo, para reconstruir a dimensão das vivências de leitores num espaço escolar.

Uma pontuação importante destacada é que nos últimos anos desta década, tem-se assistido a uma renovação do interesse educacional no campo dos estudos de História da Educação, em decorrência, ao que tudo indica, de estudos na área da Sociologia e da História do livro e da leitura (DARNTON 1990; CERTEAU 1990; CHARTIER, 1996; BITTENCOURT, 1993).

As mudanças econômicas, sociais e culturais em suas diversificadas formas de produção não estão à margem das preocupações dos pesquisadores sobre o livro didático. Não se pode referenciar a finalidade do livro didático de um único eixo disciplinar, visto a sua multidimensionalidade, ainda que se situada em campos como da literatura e filosofia. Nesse interim Batista (1999) destaca que o livro didático e a escola estabelecem correlações complexas com o mundo da cultura; ou seja, as produções culturais e a dimensão social, bem como os seus determinantes não podem ser compreendidos separadamente. Assim:

Ao contrário da ideia difundida de que os saberes escolares e, particularmente os livros didáticos, consistiriam apenas numa adaptação simplificada, para fins escolares, de conteúdos produzidos no campo da cultura e da ciência, essas investigações vêm evidenciando que a origem desses saberes e objetos é bem mais complexos (cf., por exemplo, Cherne, 1990 e Bittencourt, 1993) e que muitas vezes, é à escola e a seus livros que se deve atribuir a origem de conhecimentos e saberes posteriormente apropriados pelas esferas do conhecimento erudito e científico (BATISTA, 1999, p.533).

E prossegue num domínio mais vasto do campo psicopedagógico, que se encarrega de relacionar os livros didáticos aos saberes escolares ao erudito (cultura institucional) e, ao mesmo tempo, às práticas sociais e políticas que envolvem a produção desse objeto cultural. Nesse sentido, demonstra que o livro didático desenvolve um importante papel no quadro histórico da cultura brasileira, das práticas de letramento, do campo da produção editorial e de suas relações com os processos socioculturais e econômicos.

Daí ser relevante a observação de que o livro didático é um objeto variável e instável, não há como colocar à margem os condicionantes refletidos ora por ideologias, ora pelo mercado, ora pelas orientações de diretrizes legais ou mesmo por editores.

Destaca Batista (1999) que o termo “livro didático” é usado – de modo pouco adequado – para cobrir uma gama muito variada de objetos portadores dos impressos que circulam na escola. Com efeito, o livro é apenas um dos muitos suportes de textos presentes nas salas de aulas e várias coleções didáticas assumem formas outras que não a de um livro didático.

Além disso, a pesquisa histórica sobre o livro didático tem mostrado o papel fundamental desempenhado pelos suportes dos textos também na definição de modos de ler e de se relacionar com os textos<sup>2</sup>.

Ao mesmo tempo, tem havido também, historicamente, concorrência entre os suportes na circulação de um texto, tanto com os impressos como com os textos que vinculam imagens visuais e sons, e, ainda, com os textos manuscritos; no entanto, a cultura textual do impresso tem prevalecido como forma homogênea de transmissão dos textos. Essa cultura é reforçada, por aqueles que concebem, planejam e estabelecem as finalidades dos impressos didáticos (editoras, Estado), definindo o suporte impresso como livro didático.

Dentre os que advogam a inclusão, na categoria dos livros didáticos, de um conjunto de textos anteriores à invenção da imprensa, destaca-se Magda Soares, por exemplo, afirmando que o livro didático teria sido uma criação grega e que a obra “Elementos de Geometria”, de Euclides, teria circulado desde o século 300 a.C, como texto escolar. Em relação à história da educação-escolar institucionalizada no Brasil Colônia os jesuítas usavam manuscritos (catecismos) como material didático. Ainda, ao longo do século XIX, por exemplo, boa parte do material utilizado para o ensino no Brasil era constituído por textos manuscritos, muitos deles documentos de cartórios ou cartas pessoais.

Nesse sentido, o termo impresso não consegue designar e abranger todas as dimensões do conjunto de textos que circulam no interior da escola – há uma multiplicidade de suportes no mundo textual.

O impresso didático – como forma material tenta estabelecer-se como a leitura paradigmática, como elemento da construção da identidade nacional e como veículo da alfabetização, do letramento e da difusão de conhecimentos. É a ideia da imprensa de Gutemberg como fundadora da modernidade, da invenção de novas práticas de leituras e de novos conteúdos (CHARTIER, 1996), que impõe, por seu turno, um modelo de texto, de livro e de leitura.

Tratam-se daqueles textos e impressos que, desde o processo de sua concepção, são gerados tendo em vista finalidades escolares. Como textos e impressos, entretanto, podem ganhar ‘autonomia’ nas múltiplas formas de leituras e na construção de sentidos pelos sujeitos leitores. É por esta razão que autores como Chopin (1992) e Bittencourt (1993), inclinam-se a assumir que o livro ou o impresso didático é um fenômeno diretamente articulado à origem e expansão da moderna instituição escolar, baseada no ensino simultâneo e na busca da universalização da alfabetização e da escolarização.

Segundo Bittencourt (1993, p.25), no século XIX esse gênero de impresso no Brasil destinava-se, prioritariamente, ao professor, devendo assegurar o domínio dos conteúdos básicos a serem transmitidos aos alunos e “[...] garantir a ideologia desejada pelo sistema de ensino”. Somente no decorrer desse mesmo século, tais impressos passaram também a ser diretamente de uso dos alunos, os quais se tornaram destinatários privilegiados do livro didático, enquanto impresso organizado para o ensino.

No entanto, esses livros dirigidos aos alunos deveriam ser utilizados com a mediação de professores. Desse modo, o livro didático é caracterizado como um instrumento de aprendizagem, dirigido prioritariamente para auxiliar na aprendizagem do aluno e ao mesmo tempo para o professor organizar e preparar suas aulas.

Nos anos de 1960 e 1970, em decorrência do conjunto de medidas que os governos militares colocam em prática, acompanhando o processo de modernização estrutural do Brasil, o livro didático passa por inúmeras transformações: mudanças na forma física dos seus suportes (incluindo a incorporação de maior número de recursos visuais, apresentados com maior qualidade gráfica e a cores), alterações nos modos de leitura e utilização (os manuais passam a reunir as funções de um compêndio e de um caderno de exercícios, assumindo a voz do professor, e, assim, produzindo para o docente um lugar subordinado e dependente no processo de ensino); mudanças no modo de elaboração e de produção editorial do livro (com o fortalecimento das instituições ligadas ao livro impresso: editoras, sindicatos, associações); alterações no tempo de vida do livro didático (o qual torna-se “consumível”).

Num movimento contraditório, a produção modernizada da indústria livreira não foi acompanhada de investimentos na modernização para o mercado consumidor. Desta forma, fortaleceram-se os laços de dependência da indústria livreira em relação à escola e ao setor didático. A criação da COLTED (Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático), pelo regime militar, é um exemplo de iniciativa que estreitou ainda mais tais laços de dependência - tal órgão, encarregado de executar o Programa Nacional do Livro Didático, (PNLD) passa a adquirir livros diretamente das editoras,

determinando as características conceituais, pedagógicas e ideológicas requeridas.

É nesse período (1970) que o Brasil, embalado por um conjunto de modificações no campo educacional, reestrutura seu sistema de ensino, ampliando significativamente o número de escolas da rede pública e a expansão das matrículas. Ao mesmo tempo, para acompanhar a expansão da rede pública de ensino há um recrutamento de professores oriundos predominantemente das frações desfavorecidas e intermediárias das classes médias, sendo grande parte constituída por mulheres.

A expansão numérica, a feminização, a incorporação de profissionais não capacitados por meio da via institucionalizada de acesso ao magistério foram fatores que indicavam um processo de subprofissionalização e de proletarização da ocupação docente. Nesse novo professor é que, segundo os editores, devem ser encontradas as justificativas para a produção didática que emerge no período. Isso significa, segundo Batista (1999) que é em torno de um conjunto de situações sócio-político-educacionais, que são constituídas as características dos livros didáticos, numa relação de disputa, de conflito, que vincula diferentes valores, ideologias, culturas.

Esse objeto sociocultural constrói-se de diferentes modos, perpassando a conceituação de manual didático do MEC (impressa pelo governo de Fernando Henrique Cardoso em 1996, através da PNLD), ou mesmo outras conceituações restritas, como livro impresso para o desenvolvimento do processo de ensino, ou mercadoria cultural, ou, ainda, como instrumento ideológico a serviço do poder dominante (GALZERANI, 1998; LIMA, 2004).

Nesse sentido, o livro didático não é apenas produzido pelo mundo da cultura, mas também, institui este mesmo mundo, ao mesmo tempo em que reflete os condicionantes e o perfil de cidadão desejado. A suposta neutralidade cultural do livro didático, sua aparente instrumentalização, são garantias de sua eficácia social; portanto, ele pode ser posto a serviço de todas as causas. Com efeito, o livro didático presta-se aos rituais culturais de sociabilidade e enquanto tal inscreve-se em relações dadas, historicamente construídas, e sempre abertas as ressignificações (LIMA, 2004).

## **O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA COMO OBJETO DE PESQUISA**

Sobretudo a partir da década de 1970, as imagens iconográficas adquirem maior espaço e uso no interior dos livros didáticos brasileiros, sendo apresentadas em cores para estimular o interesse e a atenção dos discentes. Cremos que as iconografias são de grande importância para a construção de sentido de um texto (a imagem complementa o texto), uma vez que estão integradas ao texto escrito no qual se fixam, como também à

totalidade do livro didático que colaboram para compor o itinerário histórico de uma época por estarem vinculadas ao contexto histórico-social; daí serem importantes ferramentas enquanto objetos de leitura dos educandos.

Sem estas relações as imagens iconográficas esvaziam-se de sentidos como elemento educacional, e até mesmo como documento histórico, atuando como meros objetos de adornos ou “ilustração” dentro do texto e, conseqüentemente, não contribuindo para o enriquecimento e aprofundamento dos conteúdos propostos e o mais prejudicial: dificultando a compreensão de estudantes numa perspectiva objetiva. A mesma aplicação pode ser empregada à obras didáticas que não explicitam épocas e autorias das imagens iconográficas dificultam ao leitor a compreensão destas produções, fixando-as como objetos soltos, descolados do contexto e do próprio texto didático em sua totalidade.

Quando o pesquisador (LIMA, 2004) desenvolvia uma pesquisa sobre práticas de leitura (mediada pelas imagens visuais) colocadas em ação por alunos de uma 5ª série, hoje 6º ano, de uma escola pública em São Paulo, ficou evidente que uma iconografia utilizada para enriquecer determinado ideário pode “mascarar” ou, dito de outra maneira, contar uma história conveniente ao olhar ideológico que se aplica ao contexto.

O caminho percorrido para o desenvolvimento da pesquisa deu-se pela escolha intencional de imagens iconográficas, a partir de livros didáticos de história de indígenas e de negros, por se compreender que tais representações poderiam expressar dominação e opressão, e ao mesmo tempo conflitos e contradições historicamente dadas. A escolha da 5ª série como elemento delimitador da escolha dos livros didáticos de história, deveu-se principalmente ao fato de que, nessa série as crianças:

- Iniciam uma nova fase de transição, isto é, o período das operações formais conforme a concepção construtivista.
- Defrontam-se com diferentes opiniões sobre determinados assuntos, os quais estimulam a capacidade de debater problemas (ensaios para elaborações heteronômicas).
- São desafiadas a desenvolverem atividades que exigem níveis maiores de dificuldades e por apresentarem potencial para estabelecer relações mais complexas com as práticas político-sociais de forma interativa

Deste modo, procurou-se destacar e contemplar os discentes como produtores de conhecimentos e que ao ingressarem na 5.ª série, as suas possibilidades de ampliarem suas visões de mundo são alargadas e compartilhadas com um número maior de sujeitos docentes, em sala de aula. Portanto, a partir deste referencial, houve a preocupação em elencar alguns temas abordados pelos livros didáticos, os quais podem ser compreendidos

numa relação com o contexto sociocultural mais amplo, apontando suas multiplicidades, diversidades, resistências, rupturas, contradições e relações de poder como expressões das guerras de símbolos historicamente dadas. Para dar conta desta tarefa, procuramos articular a pesquisa definida em torno dos seguintes eixos conceituais:

1. Produção de conhecimentos históricos - escolares
2. Relações sociais de dominações e resistências.
3. Relações de poder
4. Experiências.

Dentro dessa perspectiva, os conteúdos dos livros didáticos de História analisados, (quadro abaixo) passaram a adquirir importância ao escopo da pesquisa destacada e a serem explicitados a partir de suas contradições e relações de poder, percebidas no interior do mesmo, tanto pelo educando como pelo educador, através de uma reflexão que possa conduzir a ações transformadoras e a produção de conhecimentos históricos.

Quadro 1: Livros de História da Coleção Didática do PNLD/2002

COLEÇÃO	NOME DO AUTOR	EDITORA
História e Vida Integrada	Cladino Piletti, Nelson Piletti	Ática, 2002
Brasil: Uma História em Construção	José Rivair Macedo, Mariley Wanderley de Oliveira	Editores do Brasil, 1996
História do Brasil/ História Geral	Joaci Pereira Furtado, Marco Antonio Villa	Moderna, 1997
História Passado Presente	Eliane Frossard Bittencourt Couto, Sonia Irene Silva do Carmo	Saraiva/ Atual, 1997
História – Edição Reformulada	José Roberto Martins Ferreira	FTD, 1997
Para compreender a História	Renato Mocellin	Editores do Brasil, 1997
Saber e Fazer História	Gilberto Vieira Cotrim	Saraiva, 1999
Trabalho e Civilização – Uma História Global	Maria Fernanda Marques Antunes, Ricardo Frota de Albuquerque Maranhão	Moderna, 1999

**Fonte:** Organizado pelo autor a partir da Coleção Didática do PNLD/2002.

As leituras iniciais do objeto, explicitadas pelas leituras a partir de iconografias, possibilitaram a percepção de que, os alunos ressignificam as leituras iconográficas, quando a intervenção do educador se dá por meio de indagações, de provocações e do levantamento das possibilidades das leituras dos objetos.

Dada a delimitação do artigo não se pretende apresentar aqui todas as discussões desenvolvidas na pesquisa (LIMA, 2004). Crê-se que, é oportuno, por esse momento se destacar algumas efervescências para se pensar o livro didático na contemporaneidade, tópico que será tratado a seguir.

## **PARA SE PENSAR O LIVRO DIDÁTICO NA ATUALIDADE**

Autores como E. P. Thompson (1981) e Certeau (1994) dentre outros enfocam que os sujeitos historicamente situados, envolvem-se na construção de suas próprias histórias, interagem com as múltiplas dimensões do social, numa atitude reflexiva e ativa para compreender, modificar ou conservar as condições em que vivem.

Tais autores sustentam que a produção do conhecimento é fruto de um processo histórico e sociocultural, onde os sujeitos são capazes de produzir juízos de valor, em consonância com suas experiências vividas, no espaço e no tempo no qual estão inseridos. Essa visão contribui com muita propriedade, para esclarecer-nos a respeito do caráter histórico da escola e de seu compromisso social. Portanto, tornou-se evidente para nós que o conhecimento do educando no processo ensino-aprendizagem é constituído a partir de uma extensa rede de inter-relações simultâneas ao longo de sua escolaridade; constituída, dentre outras, pela família, a escola, o grupo social, a religião e os meios de comunicação de massa.

Assim, as visões de mundo dos educandos vão sendo defrontadas/confrontadas/afrentadas com a cultura sistematizada que faz parte do currículo escolar. Neste sentido, evidencia-se que a escola não é mera transmissora de valores provenientes unicamente da classe dominante (elite), mas um território permeado por convergências/ divergências/ oposições, também entre os valores culturais (pode-se falar num processo dialogal entre cultura escolar e visões de mundo de educador/ educando em um determinado tempo e lugar).

O educando não chega à sala de aula como um recipiente vazio e/ou agente passivo, mas traz consigo toda uma leitura de mundo no qual está inserido, na inter-relação com outras experiências, claro que isso não excetua a própria visão sobre a luta de classes e divisão social do trabalho, mas nessa efervescência é que se percebe que a diversidade de olhares contribuiu para melhor compreensão dos contextos históricos, formativos, informativos, ideológicos ou não. Logo, a leitura de mundo precede a leitura da palavra.

Nas informações do texto didático há múltiplas possibilidades de compreensão, ou seja, o contexto social permite ao sujeito (educando) permutas, legitimação, apropriação e a criação de “novos” sentidos para o texto em questão e ao educador a possibilidade de, como mediador das leituras

possíveis, a partir das iconografias indagar sobre a sua validade na leitura do real.

A pesquisa sobre o livro didático por meio de iconografias certamente é um rico instrumento no conteúdo de história. Em pesquisa desenvolvida por Lima (2004) conclui-se que as reproduções das pinturas e as imagens fotográficas, contribuíram de alguma maneira (mesmo que parcial) para a compreensão do passado histórico, dos interesses políticos, sociais e econômicos que envolveram o contexto temporal da produção dessas obras bem como as continuidades e discontinuidades que se apresentam como um legado desse processo histórico, que envolve a gênese da formação do “povo” do Brasil.

Tais imagens são representações de uma dada “realidade” a partir de visões de mundo de sujeitos que se moveram nas relações de poder, seja para a preservação e manutenção do poder, seja para explicitarem as contradições e para provocar rompimento na estrutura do poder estabelecido. Esse conteúdo pincelado por tintas, fotografias, esquemas e representações figuram como objetos recorrentes no processo de construção e ressignificação do conhecimento.

Esse é o cerne não somente de pesquisa sobre o livro didático de história, mas enquanto objeto próprio da história da educação, assim as pistas enriquecedoras para o ensino da história podem ser delineadas com outras possibilidades, ou seja, recorrendo-se a manifestações culturais como as iconografias para a socialização da história de um povo. Portanto, este artigo pode constituir-se como instrumento introdutório para se compreender uma das múltiplas faces da história do livro didático e da sensibilização que deve o professor de história desenvolver no processo da docência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O texto didático não é a expressão do pensamento de um único autor, que por seu turno transmite valores fechados, que moldam as “realidades” dos educandos a partir das informações impressas, contidas nos livros didáticos.

Neste sentido, inúmeros agentes contribuem e participam na formação de sentido do texto didático, abrindo possibilidades às múltiplas leituras, releituras e usos diversos dos conteúdos do mesmo.

É essa pluridimensionalidade do texto didático que permite as diferenças, a multiplicidade de sentidos, onde o leitor (educando) possa atuar como sujeito ativo dentro de uma dada comunidade, dialogando e confrontando os valores socialmente estabelecidos.

Há que se levar, também, em consideração a atuação do educador dentro deste contexto, como agente que compartilha as possibilidades de construção dos saberes escolares, a partir das experiências e das práticas sociais cotidianas no universo cultural dos estudantes, percebidas ou explicitadas em sala de aula. Daí, a necessidade do comprometimento do educador com a sociedade, com a comunidade, com a cultura da qual faz parte, abrindo, assim, possibilidades a uma leitura problematizadora do texto didático, empenhada nas conquistas e transformações dos valores sociais vigentes.

Dessa forma, múltiplas práticas de leituras abrem-se ao sujeito leitor do texto didático, ou seja, tais leituras possibilitam a explicação das diversas vozes presentes no interior do texto.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: Textos, impressos e livros didáticos. In ABREU, M. (org). *Leitura, História e História da Leitura*.- Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

BITTENCOURT, C. M. F. *O livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. (tese de doutorado) São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHOPIN, A. *Le Manuel Scolaire in cent references*. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique, 1992.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

GALZERANI, M. C. B. *Belas mentiras? A ideologia nos estudos sobre o livro didático*. In PINSKY, J. (Org). *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 1988.

GALZERANI, M. C. B. *O almanack, a locomotiva da cidade moderna*. Campinas, década de 1870 e 1880. tese de doutoramento. Dep. De história, IFCH, UNICAMP. Campinas São Paulo: 1998.

HOBSBAWM, E. *Era dos Extremos*. 2ª ed. 25ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LE GOFF, J. *História e memória*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora, UNICAMP, 1996.

LIMA, E. G. *As múltiplas leituras e visões de mundo nos livros didáticos de história*. Dissertação (Mestrado). Campinas/SP: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

MANGUEL. A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, W. *A palavra escrita*. História do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

McMURTRIE, D. C. *O livro*. 3ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997.

PFROMM NETO. S.; ROSAMILHA, N.; DIB, C.Z. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor, Inl. 1974.